

# **GEOGRAFIA DA REALIDADE E REALIDADE GEOGRÁFICA. NOVOS CONCEITOS, VELHOS PARADIGMAS. AUSÊNCIA DE MÉTODO?**

**Evelyn Monari Belo – FACULDADES INTEGRADAS CLARETIANAS**

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo uma reflexão sobre a identificação e definição dos conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica partindo do pressuposto de que a ciência geográfica é uma ciência de síntese e comprovando sua ampla abrangência em relação aos diferentes ramos do conhecimento. Assim, os conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica surgem como produto de uma pesquisa caracterizada pela subjetividade e, portanto, questionada no meio acadêmico. Em suma, são demonstrados conceitos que perpassam as diferentes manifestações da Geografia e diferentes interpretações que esta ramificação do conhecimento científico permite àqueles que buscam conhecer e definir novos caminhos.

**Palavras-chave:** Geografia – Imagem – Realidade

## **Abstract**

The present work has objective a reflection about the identification and definition of the concepts Geography of the reality and geographical reality leaving of the presupposition that the geographical science is a synthesis science and proving their wide inclusion in relation to the different branches of the knowledge. Like this, the concepts Geography of the reality and geographical reality appear as product of a research characterized by the subjectivity and, therefore, questioned in the academic middle. In short, they are demonstrated concepts that transport the different manifestations of the Geography and different interpretations that this ramification of the scientific knowledge allows to those that look for know and to define new roads.

**Keywords:** Geography – Image – Reality

## INTRODUÇÃO

O conhecimento científico representa possibilidade de avanço e progresso para a humanidade. Neste contexto, tomar como referência a ciência se torna algo importante para a compreensão, a (re)interpretação e o (re)conhecimento do mundo em que vivemos.

Procedimentos e métodos, então, são necessários para levar à comprovação hipóteses que constituem os fatos e acontecimentos denominados como fenômenos, responsáveis pelo estabelecimento das dinâmicas relações presentes no mundo.

Diante de uma situação que pode ser considerada conflituosa, a Geografia surge na condição de ciência de síntese que também abrange as diferentes áreas do conhecimento, é questionada em relação ao seu objeto de estudo. A ideia de que a ciência é produzida apenas em laboratórios a partir do estabelecimento de situações nas quais é possível definir tal objeto em função de hipóteses que sejam comprovadas diante da análise e cálculos por amostragem faz da Geografia uma ciência que se constitui em um cenário, por vezes, confuso e conflituoso, tornando possível todo e qualquer questionamento sobre a possibilidade dos rigores do método científico à sua concretização. Índices percentuais e estatísticos perpassam o saber e a prática que, numa visão “contemporânea”, devem se constituir na vivência, valorizando o conhecimento do indivíduo e sua compreensão sobre a vida.

Por este motivo, quando nos propomos a apresentar os resultados obtidos com a tese <sup>1</sup>produzida, temos como intenção abordar a Geografia da realidade e a realidade geográfica como conceitos que integram a realidade do homem e se constituem como parte dela.

Sendo a ação humana responsável pela produção do conhecimento e, portanto, da cultura, tomá-la como parâmetro de análise para a interpretação dos conceitos propostos nos permite buscar o conhecimento ultrapassando os limites impostos pelos rigores do método científico. Não se trata de desconsiderar o conhecimento científico bem como os rigores que caracterizam o procedimento que nos conduz aos resultados pretendidos, mas sim, de revê-los à luz de uma visão que caracteriza a ciência.

Autores como Pirsig (2009), Capra (1982) e Sagan (2006) são alguns exemplos de nossa possibilidade de (re)interpretação dos fatos constituídos sob a obscuridade de uma ciência que exclui a possibilidade de refutabilidade. Rever valores e conceitos significa romper com o passado, mas sem abandoná-lo. Eis o aspecto que retrata, adequadamente, o trabalho apresentado. Novos paradigmas devem ser constituídos, fomentando a busca por novas informações que, numa concretização abusiva, exprimem a possibilidade de pesquisas em novas fontes, muitas vezes distintas daquelas já conhecidas e aceitas.

Em um contexto amplo, tanto a Geografia da realidade quanto a realidade geográfica se constituem como conceitos observados na realidade de alunos, ou seja, ambos se originaram a partir de sensações e percepções que integraram o cotidiano de pessoas – homens – que, consciente ou inconscientemente (re)constroem o mundo e o conhecimento nele presente.

Assim, o leitor deste artigo é convidado a conhecer novas propostas de entendimento a partir de sua vivência.

---

<sup>1</sup> Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia do IGCE, UNESP – R.C., com o título Imagem: Geografia da realidade ou realidade geográfica? Uma abordagem sobre a importância das imagens obtidas a partir dos diferentes tipos de texto e sua contribuição na interpretação da realidade.

## **1. PARA ENTENDER A GEOGRAFIA, BUSCAMOS A REALIDADE**

*A ciência pode ser difícil de entender.*

*(Carl Sagan)*

A presença das diferenças na constituição do homem como ser que atua interferindo diretamente no espaço geográfico assegura a variabilidade de elementos que constitui o mundo e, portanto, nos encontramos diante de uma vasta gama de interpretações da realidade.

Sujeitos às manifestações do pensamento, realizamos constantemente e de forma imperceptível uma análise da realidade. Neste sentido, nossa “inconsciência” se depara com as mais ricas experiências e, portanto, nos conduz ao entendimento do complexo mundo no qual estamos inseridos.

Temos, então, a realidade em mãos e, conseqüentemente, o contato com a Geografia da realidade e a realidade geográfica.

Ambos os conceitos são produtos de uma experiência singular, que traduz em seu contexto a vivência do homem enquanto ator do espaço geográfico.

Apesar de uma simplicidade inicial que caracteriza a possibilidade de entendimento, a tese defendida gerou controvérsias, conduzindo o questionamento sobre a capacidade intelectual da autora cujos caminhos percorridos, realmente, não correspondem a realidade expressa no mundo acadêmico. Neste sentido, podemos afirmar que a realidade vivida e observada pela autora também é geográfica e constituinte de uma Geografia própria, peculiar, expressa na Geografia da realidade.

Entretanto, um primeiro questionamento pode ser considerado: qual o significado, ou o possível entendimento desses conceitos?

### **1.1. GEOGRAFIA DA REALIDADE E REALIDADE GEOGRÁFICA: A COMPLEXIDADE EXPRESSA NA REALIDADE E NO COTIDIANO HUMANO TRADUZIDA NOS RIGORES DA CIÊNCIA**

Para uma compreensão inicial dos conceitos da Geografia da realidade e realidade geográfica, é necessária uma observação sobre sua interpretação:

À Geografia da realidade e à realidade geográfica reservam-se peculiaridades inerentes ao pensamento humano, atividade cognitiva que nos diferencia de outros animais. Somos raros, únicos, e as imagens também assumem esta singularidade quando se constituem a partir de nossa (re)interpretação do espaço geográfico. Entretanto, temos nas imagens tanto a aceitação quanto a negação do que nos é “apresentado” como representação simbólica do conhecimento.

(BELO, 2009, p.54)

Considerando o fragmento apresentado, é possível constatar de que forma elaboramos e/ou evocamos nossas imagens, que se tornam elementos de análise de uma realidade complexa e vivida.

Constituímos nosso conhecimento a partir de nossa interpretação do mundo e, assim, toda e qualquer (re)interpretação se caracteriza numa espécie de (re)leitura do conhecimento no contexto geográfico, mas não exime quaisquer possibilidades de conhecimento tomando como referência outras formas de interpretação. Por este motivo:

[...] compreender a realidade significa, principalmente, concretizar pensamentos não apenas a partir de atos, de diferentes formas de inferência na realidade, mas, sobretudo, a partir da possibilidade de (re)transmissão de informações.

(BELO, 2009, p.72)

Sendo o conhecimento necessário à compreensão da vida, temos na ciência geográfica a manifestação de uma ciência abrangente, cuja constituição se concretiza porque permite ao homem novas formas de interpretação da própria vida. Apoiando-se na Sociologia, na História, na Antropologia, na Economia, bem como em outras áreas do conhecimento, a Geografia se torna necessária e, para muitos estudiosos, extremamente subjetiva. Conhecer o mundo a partir desta ciência tão peculiar é, verdadeiramente, uma aventura.

Neste sentido, o ato de conhecer não pode ser considerado uma ação que apenas o rigor científico proporciona, pois as experiências demonstram de que maneira nos apropriamos daquilo que é mais relevante para nós. Portanto, a Geografia da realidade e a realidade geográfica se encaixam neste mosaico gigantesco que denominamos vida. Assim, podemos considerar que:

A Geografia é uma ciência que se aproxima da realidade, pois se constitui como um produto histórico, resultante das diferentes relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico, bem como dos homens entre si.

(BELO, 2009, p. 96)

Tomando como principal elemento para nossa análise da realidade as imagens, encontramos a contradição determinante da presença e/ou ausência do método científico como parâmetro de análise para nossas questões, nossas reflexões, induzindo nossos pensamentos acerca de uma realidade subjetiva e angustiante.

Da mesma maneira que Pirsig (2009, p.7), “o que eu quero fazer é usar o tempo que teremos agora para falar sobre certos assuntos que me vêm à mente [...]”. Esta foi a estratégia que constituiu a relação da tese que originou este artigo e que, por muitos momentos, chegou a elucidar questões de análise que contestavam a importância dos conceitos definidos pela autora. Estabelecer respostas a dúvidas pautadas na subjetividade do pensamento – caracteristicamente humano – é, inquestionavelmente, desafiador a quem se propõe à atividade científica.

## **2. O PROCESSO DE DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS: A IDENTIFICAÇÃO DO HOMEM COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL À DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO**

Para estabelecer a compreensão sobre os conceitos definidos e apresentados, não foram coletados dados em campo empírico, não foram recolhidas informações com os alunos, mas foram realizadas reflexões a partir da prática pedagógica da autora. Um fato importante é identificado em sua formação inicial: sua graduação não é Geografia e, por este motivo, as dificuldades enfrentadas se tornaram presentes e marcantes logo no início de suas atividades. Por muito tempo, foi questionada sua capacidade de interpretação das informações que integravam sua pesquisa, mas a credibilidade conquistada junto a uma renomada agência financiadora de projetos acadêmico-científicos instituiu a primeira possibilidade de quebra de paradigmas.

Neste momento, o avanço de suas ideias passou a constituir sua realidade, que, a exemplo de um dos conceitos definidos em sua tese, é geográfica e peculiar à sua visão do mundo.

Atuando como Orientadora de Aprendizagem do Telecurso 2000 (TC 2000), identificou na realidade de seus alunos o processo de elaboração e/ou evocação de imagens que resultam em um conhecimento próprio a visão do mundo de cada um, estabelecendo parâmetros de análise e observação que, por vezes, resulta no questionamento da fidedignidade do trabalho proposto.

Buscando explicações para a elaboração deste trabalho, podemos apoiar nossas reflexões nas ideias de Sagan (2006, p.46), afirmando que:

Toda vez que um artigo científico apresenta alguns dados, eles vêm acompanhados por uma margem de erro – um lembrete silencioso, mas insistente, que nenhum conhecimento é completo ou perfeito. É uma calibração do nosso grau de confiança naquilo que pensamos conhecer. Se as margens de erro são pequenas, a acuidade de nosso conhecimento empírico é elevada; se são grandes, então também é enorme a incerteza de nosso conhecimento. Exceto na matemática pura (e, na verdade, nem mesmo nesse caso) há certezas do conhecimento. [...] A margem de erro é uma auto-avaliação visível e disseminada da confiabilidade de nosso conhecimento. [...]

Identificando como objeto de estudo as imagens elaboradas e/ou evocadas por alunos leitores de apostilas que se constituem de textos que transmitem informações em forma de conteúdos, foi possível verificar a presença de leitores do mundo, pois a (re)interpretação de conceitos e conteúdos, simplesmente, definia sua condição de vida. Os leitores, então, se constituíam como pessoas leigas que, em muitos momentos, se aproximavam da condição de confusos e, até mesmo, desorientados. Não se enquadravam nos rigores que Sagan (op. Cit.) contesta e, por este motivo, a pesquisa apresentada foi extremamente questionada.

### **2.1. HOMEM: CONSTITUINDO A GEOGRAFIA DA REALIDADE E A REALIDADE GEOGRÁFICA**

A figura humana norteou toda a busca do conhecimento produzido com a realização da tese e que resultou nos dois conceitos definidos pela autora.

O homem que buscamos para concretizar o ideal desta tese é, simplesmente, HOMEM, indivíduo atuante no mundo e, portanto, agente transformador do espaço geográfico.

Durante sua atuação como Orientadora de Aprendizagem do TC 2000, a autora vivenciou situações diversas em teleaulas<sup>2</sup> de Ensino Médio juntamente com seus telealunos, que concretizam este HOMEM. Visando possibilitar o acesso a um conhecimento significativo, preparava as aulas procurando oferecer condições de acesso à novas informações e apropriação de um conhecimento que se constitui como fundamentação para uma compreensão “ampliada” de sua própria vida.

Entretanto, um fato “curioso” aos rigores científicos era constantemente observado: em relação às teleaulas que constituíam as disciplinas referentes à área do conhecimento caracterizada como exatas, os alunos solicitavam que as teleaulas aplicadas a partir do conteúdo exposto em fitas VHS fossem desconsideradas. Já em relação ao conteúdo apresentado nas teleaulas de Geografia, mesmo quando as imagens retratavam as dificuldades enfrentadas em uma terra distante de sua terra de origem – que é a condição mais facilmente identificada dos telealunos com as personagens – demonstravam prazer em assistir a tal exposição de imagens. Tal sentimento era acompanhado, também, por um saudosismo capaz de direcioná-los a uma outra realidade, diferente daquela que se constituía em seu cotidiano.

Considerando que as teleaulas são acompanhadas por material impresso constituído por textos, os mesmo são elaborados por equipe técnica especializada. Assim, a dificuldade expressa nos momentos de leitura implicou na escolha de diferentes tipos de texto para análise de imagens que o leitor elabora e/ou evoca quando se encontra em contato com tais materiais. Quando se encontra em contato com a (re)leitura de um texto, o leitor se permite novas “descobertas” sobre algo já conhecido, pois nunca uma leitura aprofundada do texto literário “Os Sertões”, de Euclides da Cunha e também os textos que constituem as apostilas do TC 2000 em dois momentos distintos (1996; 1989). Ao texto científico, cabe o papel de fundamentar os contrapontos identificados e discutidos ao longo da tese desenvolvida.

Retomando o foco deste tópico, identificamos os diferentes tipos de texto de acordo com a seguinte análise:

---

<sup>2</sup> Denominação atribuída pelos documentos oficiais aos locais destinados à realização das teleaulas que constituem o TC 2000.

### QUADRO 01: Principais características dos textos literário, didático e científico

DIDÁTICO	LITERÁRIO	CIENTÍFICO
Explicação conteudista, resumida.	Descrição mais “completa”.	Caráter justificativo, pois é a concretização do conhecimento científico.
Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).	Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).	Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).
⇒ Caráter “controlador”; ⇒ Transmite informações com o objetivo de estabelecer e manter a ordem social e sua hierarquia (status quo);	Sua estrutura é próxima da Geografia tradicional quando parte do geral para o pontual: ⇒ A Terra (descrição física); ⇒ O Homem (subjetividade); ⇒ A Luta (integração)	Estabelece com o leitor uma “troca de ideias” porque provoca reflexões/questionamentos sobre uma realidade observada, pesquisada e levada a conhecimento acadêmico para ser considerada ou não verdadeira.

Org.: Belo, E. M. (2007).

De acordo com a análise apresentada, cada tipo de texto constitui uma fonte de informação mais ou menos próxima do leitor. Em outras palavras, a cada possibilidade de interpretação, os textos podem se distanciar ou se aproximar da realidade dos indivíduos, influenciando a constituição dos conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica.

É necessário salientar que o texto literário sobressai entre os demais, pois a descrição apresentada nos fornece elementos da realidade que o texto científico, em muitos momentos, é incapaz de nos oferecer. A excessiva adjetivação conduz o leitor a uma leitura interpretativa sedutora se comparada à possibilidade de (re)interpretação propiciada pelos textos didáticos e científicos.

Neste contexto, a pesquisa realizada sofreu diversas contestações, pois muitas foram as alegações sobre a impossibilidade de ser considerada uma verdadeira pesquisa referente à ciência Geografia, ou mesmo uma aplicação da ciência, caminho do saber.

Podemos, então, observar a seguinte indagação: *por que relacionamos o HOMEM como elemento principal à constituição das imagens obtidas a partir da (re)interpretação de diferentes tipos de texto?*

Porque o próprio leitor é identificado na presença deste homem e, então, a presença mais marcante se encontra na descrição do texto literário. Alguns esclarecimentos são necessários para uma melhor compreensão.

Primeiramente, identificamos o HOMEM no texto didático em alguns fragmentos bem como na figura do telealuno. Em relação ao texto científico, temos a figura de um HOMEM extremamente cético, capaz de corresponder aos rigores explicitados pela ciência e sua

fundamentação. No que concerne ao texto literário, o HOMEM simboliza toda possibilidade de conhecimento: seja em função das descrições que o tornam um importante e real elemento, ou em função do leitor que tem acesso às ricas descrições que permitem a elaboração e/ou evocação de imagens a partir do conhecimento via informação escrita. Há uma semelhança entre o HOMEM identificado no texto literário e o HOMEM identificado no texto didático: ambos são sertanejos. Ao primeiro compete tal condição pelo fato de habitar o sertão de Canudos e, ao segundo, é o sertanejo que abandona sua terra natal em busca de melhores condições de vida em Estados mais desenvolvidos. Imerso na “cidade grande”, é ofuscado por imagens que não correspondem à sua realidade e, por este motivo, adquire características de uma nova realidade.

Assim, é necessária uma verificação do HOMEM que identificamos na figura dos sertanejos.

## QUADRO 02: Comparação entre os tipos sertanejos<sup>3</sup>

“SERTANEJO EUCLIDIANO”	“SERTANEJO ALUNO DO TC 2000”
Combatente: seu inimigo é expreso pelas condições de sobrevivência impostas pela vida.	Combatente: seu inimigo é a dificuldade de melhoria nas condições de sobrevivência.
Dinâmico: sua coragem eleva sua dignidade e honra.	Dinâmico: sua coragem é reduzida diante das dificuldades econômicas que enfrenta (desemprego).
Profunda relação afetiva com seu “lugar de origem”, mantida mesmo quando forçado a abandoná-lo.	Valoriza seu “lugar de origem”, mas deixa de acreditá-lo, migrando para outras regiões.
Ameaçados pela “tecnologia” das armas do exército (Estado), transformam-se em guerrilheiros.	Seduzido pela tecnologia presente nas diferentes manifestações da modernidade dos grandes centros urbanos.

Fonte: Cunha (1984), Fundação Roberto Marinho (1996); Org.: Belo, E. M. (2004).

As descrições apresentadas no Quadro 02 nos permitem compreender o HOMEM como elemento fundamental à discussão proposta, pois temos nesta “figura” a manifestação de novos conceitos e velhos paradigmas simultaneamente, confirmando o proposto no título deste artigo.

Entre semelhanças e diferenças, observamos que as diferentes visões do mundo asseguram a variabilidade de (re)interpretações e, portanto, de imagens que resultam das apropriações de diferentes fontes do conhecimento.

Neste sentido, se retomarmos nossa compreensão sobre o texto didático, encontraremos elementos cujas características são fundamentais à identificação de aspectos que, mesmo sem considerações nas abordagens iniciais, implicam a presença do HOMEM em sua interpretação e, portanto, na elaboração e/ou evocação das imagens que constituem a Geografia da realidade e a realidade geográfica.

<sup>3</sup> In: Belo, E. M. (2005, p.56).



**QUADRO 03: Exemplos de textos didáticos para a elaboração de imagens a partir da realização de uma leitura interpretativa<sup>4</sup>**

	Apostila de Geografia – Ensino Médio – Vol. Único (1989)	Apostila de Geografia – Ensino Médio – vol.1 (1996)	Apostila de Geografia – Ensino Médio – vol.2 (1996)
Aula	Aula 6 – A distribuição dos homens no mundo	Aula 20 – Propostas Alternativas	Aula 34 – Ritmos e movimentos da população mundial
Descrição do conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Aspectos físicos do espaço geográfico: condições climáticas, qualidade do solo, etc.;</li> <li>▪ Evolução, distribuição da população no mundo;</li> <li>▪ Distribuição da população brasileira.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolvimento sustentável;</li> <li>▪ Gestão democrática do território.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Transição demográfica</li> </ul>

Org.: Belo, E. M. (2007).

Observando a descrição de cada conteúdo apresentado no Quadro 03, é notória a identificação de elementos que expressam a presença humana e sua importância na constituição dos conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica. Entretanto, devido à subjetividade que condiciona a manifestação do conhecimento via imagens à interpretação da realidade que vivemos e na qual experimentamos diferentes sensações, as contestações sobre a validade da tese apresentada se reafirmaram.

### **3. A CIÊNCIA GEOGRAFIA: NOVOS CONCEITOS, VELHOS PARADIGMAS. VELHOS PARADIGMAS, NOVOS CONCEITOS?**

Muitas foram as indagações que constituíram todo o processo de elaboração da tese de doutoramento que originou os conceitos defendidos pela autora e, além disso, não há como

<sup>4</sup> In: BELO, E. M. **Imagem: Geografia da realidade ou realidade geográfica?** Uma abordagem sobre a importância das imagens obtidas a partir dos diferentes tipos de texto e sua contribuição na interpretação da realidade. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009, p.116.

desconsiderar, também a importância de tais agruras para uma melhor compreensão daquilo que realmente era pretendido. Assim, podemos considerar que:

Dotado da capacidade de abstração, o **HOMEM** se permite (re)interpretar sua realidade. Surgem os questionamentos e reflexões pelo simples fato de observar que não há correspondência total entre a informação transmitida pelos textos e suas experiências. É claro que, muitas vezes, o leitor de tais textos se encontra na mesma situação que os textos descrevem, mas isso não significa que deva aceitar passivamente tal condição. Quando abandona esta postura passiva, torna-se “*leitor do mundo*”.

(BELO, 2009, p.142, grifos do autor)

A (re)interpretação pode ser tomada como elemento fundamental ao questionamento proposto neste momento. Paradigmas e conceitos constituem as bases de sustentação do (re)conhecimento, da constituição das informações que perpassam a vida humana e integram o mundo em que vivemos.

Se cada indivíduo possui uma visão do mundo própria e, portanto, peculiar à sua realidade, Kuhn (2006, p.147-8) nos apresenta sua concepção sobre as revoluções como mudanças na concepção de mundo, pois afirma que:

O historiador da ciência que examinar as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas vêem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente. É como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada para um novo planeta, onde objetos familiares são vistos sob uma luz diferente e a eles se apegam objetos desconhecidos. Certamente, não ocorre nada semelhante: não há transplante geográfico; fora do laboratório os afazeres cotidianos em geral continuam como antes. Não obstante, as mudanças de paradigma realmente levam os cientistas a ver o mundo definido por seus compromissos de pesquisa de uma maneira diferente. Na medida em que seu único acesso a esse mundo dá-se através do que vêem e fazem, poderemos ser tentados a dizer que após uma revolução, os cientistas reagem a um mundo diferente.

Tais reflexões nos permitem compreender que a subjetividade das imagens não precisa ser considerada como revoluções, mas implica diretamente, a possibilidade de aquisição, constituição e apropriação de um conhecimento que se torna indispensável a um mundo que, então, assume uma nova configuração. A esta nova configuração podem ser associadas novas concepções expressas em novos paradigmas, e a comunidade acadêmica reage impiedosamente a tal realidade. É também uma realidade geográfica, implícita na Geografia da realidade. Não seria uma nova Geografia, mas representa, adequadamente, novas formas de compreensão de uma realidade e, portanto, do mundo. Desta feita, “quando valores embutidos no conhecimento científico – considerado correto e verdadeiro – são questionados, muitas reações podem

descharacterizá-los ou mesmo levá-los a uma confirmação de sua veracidade” (BELO, 2009, p.145).

Sendo as imagens elementos que podem, nos padrões científicos, constituir um objeto de estudo que, em muitos momentos, é considerado inadequado, podemos associá-las à própria Geografia, que também foi alvo de críticas e indagações sobre sua fidedignidade complexo, pois simbolizam a realidade. Resultam de nossas (re)interpretações a Geografia da realidade e a realidade geográfica manifestando concepções distintas, que se integram na constituição do mundo explorado pelo leitor.

Em outras palavras, ambos os conceitos podem ser considerados tanto como manifestação de velhos conceitos e novos paradigmas quanto de novos conceitos e velhos paradigmas. A afirmação aqui apresentada pode ser assim compreendida:

- Velhos conceitos são necessários à compreensão e (re)interpretação do mundo, constituído historicamente numa constante integração expressa juntamente aos homens, estabelecendo diferentes e inúmeras relações entre tais elementos.
- Novos paradigmas são estabelecidos quando são alteradas as configurações deste mesmo mundo a partir de novas possibilidades de interpretação que se constituem tendo como fundamentação os velhos conceitos.
- Novos conceitos são criados quando permitimos a refutabilidade àquilo que é considerado certo e adequado aos rigores pertinentes ao método científico, “quebrando” uma iconoclastia.
- Velhos paradigmas são retomados porque não podemos, simplesmente, desconsiderar o que é denominado “velho”.

Sintetizando o que é relatado neste momento, podemos entender que o que é determinado como velho é necessário ao estabelecimento de novos conceitos e paradigmas, pois novas explicações científicas são supridas na medida em que (re)interpretamos um mundo já constituído, mas em constante transformação.

Para finalizar este artigo, temos na Geografia da realidade e na realidade geográfica a compreensão de elementos subjetivos, cuja dificuldade de interpretação acarreta uma busca por um conhecimento intrínseco no cotidiano das pessoas e que jamais se esgota. A dificuldade expressa na interpretação também se caracteriza como a pluralidade de ideias e/ou reflexões que condicionam a Geografia a uma concepção cuja expressão já corresponde a esta nova possibilidade de conhecimento: a Geografia plural.

Trata-se de novas (re)interpretações da realidade, peculiar a todos os homens, singular a cada indivíduo e plural pelo fato de se constituir como elemento comum a todos, que integram os diferentes grupos sociais que habitam o mesmo mundo, espaço geográfico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conhecer e compreender são palavras que, apesar de complementares no tocante aos seus significados, podem ser confundidas e também vir a confundir o entendimento do homem sobre o mundo em que vive.

Nesta perspectiva os conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica definidos pela autora em sua tese de doutorado se constituem da mesma forma: intrigando os questionamentos

se manifestam na (re)interpretação do leitor de diferentes tipos de texto que, também, habita e interfere diretamente no espaço geográfico.

Sobre a definição dos conceitos, é possível observar que ambos margeiam a reflexão dos indivíduos em relação a aspectos que integram as diversas relações estabelecidas entre homem espaço geográfico, e dos homens entre si.

Defender uma tese é, obrigatoriamente, um momento em que são colocadas em evidência todas as capacidades inerentes ao seu criador e, por este motivo, o método científico assume papel principal numa dança em que os atores se distanciam, decisivamente, de elementos que não se caracterizam como fundamentais a proposições que se originam no que denominamos senso comum e que, por não se enquadrarem nos rigores científicos, não são, verdadeiramente, considerados conhecimento.

Questionar o novo é estabelecer caminhos para que o “velho” prevaleça, pois assim é permitida a renovação. Em relação ao conhecimento, quando submetido a comprovações para validação dos rigores científicos, é necessário que aspectos qualitativos se sobreponham às quantificações que anulam a atividade reflexiva, caracteristicamente humana.

Em suma, as diferentes (re)interpretações sobre nossa própria realidade ultrapassam os limites impostos por metodologias, valorizando experiências e, portanto, a vida.

## BIBLIOGRAFIA

BELO, E. M. **Imagem: para quê e para quem?** Elemento da realidade presente no conhecimento geográfico e identificado em diferentes tipos de texto. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

BELO, E. M. **Imagem: Geografia da realidade ou realidade geográfica?** Uma abordagem sobre a importância das imagens obtidas a partir dos diferentes tipos de texto e sua contribuição na interpretação da realidade. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

CAPRA, F. **O ponto de mutação:** a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

CUNHA, E. da. **Os sertões:** campanha de canudos. 29. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

NOVO Telecurso 2000, Geografia: 2.º grau. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1989.

PIRSIG, R. M. **Zen e a arte da manutenção de motocicletas:** uma investigação sobre os valores. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios:** a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TELECURSO 2000, 2.º grau: Geografia. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1996, vol.1.

**TELECURSO 2000**, 2.º grau: Geografia. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1996, vol.2.

---

Evelyn Monari Belo E-mail: [evelyn\\_monari@terra.com.br](mailto:evelyn_monari@terra.com.br); [evelynmonari@hotmail.com](mailto:evelynmonari@hotmail.com)